

# AS LENTES DO TRADUTOR E DO EXEGETA: UM ENSAIO EM METODOLOGIA EXEGÉTICA APLICADA AO ANTIGO TESTAMENTO COM ESTUDO DE CASO EM JEREMIAS 1.11-12

*Fabiano Antonio Ferreira\**

## RESUMO

As traduções da Bíblia, apesar de todo o esforço empreendido pelos tradutores, nem sempre conseguem espelhar todos os traços intralingüísticos dos textos em suas línguas originais. Muitas vezes as peculiaridades dos planos fonético, morfológico, sintático, semântico ou estilístico ficam latentes na língua original, sem sequer serem tocados pelos tradutores e vazados na tradução. Quando bem feita, a tradução desencadeia operações idênticas às realizadas na produção do texto original, sendo assim um processo de retextualização ou nova produção do mesmo texto na língua receptora da tradução. Contudo, nem sempre o tradutor consegue um nível perfeito de intertextualidade entre seu texto traduzido e o texto original, por conta das peculiaridades da língua original e da língua receptora da tradução. Portanto, é exatamente neste ponto que o conhecimento das línguas originais se torna importante para a tarefa da interpretação, constituindo um meio mais rápido para o resgate da intenção do autor original. Neste artigo, pretendemos demonstrar através de nosso estudo de caso, o texto de Jr 1.11-12, que o conhecimento da língua original do texto pode ser o meio mais rápido para a apreensão do sentido tencionado pelo autor sagrado. Veremos também que, na grande maioria dos casos em que a chamada

---

\* O autor obteve o grau de Bacharel em Matemática pela FAHUPE, no Rio de Janeiro, e estudou hebraico na UFRJ. É aluno do Mestrado em Antigo Testamento no CPAJ. É professor da Faculdade de Ciências e Biotecnologia da CGADB, no Rio de Janeiro e, a partir de dezembro de 2007, estará pastoreando a Igreja da Obra da Restauração, em Filadélfia, nos Estados Unidos.

do texto é intralingüística, prescindir do conhecimento da língua original pode dificultar a exegese e nos deixar aquém do sentido do texto e em busca de interpretações menos óbvias.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Tradução; Tradutor; Retextualização; Interpretação; Hermenêutica; Exegese; Línguas originais; Paronomásia; Intraduzibilidade.

### **INTRODUÇÃO**

A proposta deste ensaio é demonstrar a importância do conhecimento das línguas originais da Bíblia para a tarefa da interpretação bíblica. O texto de Jr 1.11–12 foi escolhido tendo em vista suas peculiaridades nos planos morfológico, sintático, semântico e estilístico. Pretendemos verificar como alguns aspectos da interpretação prendem-se a uma abordagem estritamente intralingüística, de modo que prescindir de competência lingüística no idioma do texto original pode levar o exegeta a percorrer caminhos menos óbvios no trajeto que leva à construção do sentido de um texto e à recuperação da intenção do autor. Mostraremos que a exegese estará sempre relacionada com a tradução na forma de uma impregnação mútua, de modo que a tradução sempre deverá ser vista como produto das opções exegéticas feitas pelo tradutor e a exegese refletirá forçosamente o nível de preparação do intérprete para traduzir e aferir a tradução do texto que pretende interpretar, bem como poderá ser relativamente marcada por seus pressupostos.

A tradução cumpre seu papel de retextualização, em que o texto em sua Língua Original (LO) é exegetado e transposto para uma Língua Receptora (LR). Neste processo de retextualização, a tradução desencadeia operações idênticas às realizadas na produção de um texto original,

isto é, a partir da construção do sentido pela leitura do original, que se transforma na intenção comunicativa do tradutor, este realiza o planejamento global do seu novo texto, realiza as operações de textualização propriamente dita e por fim revisa sua tradução.<sup>1</sup>

Daí, portanto, cada elemento que atravessa a composição de um texto deve estar presente na retextualização:

conhecimento lingüístico, conhecimento de mundo, conhecimentos partilhados, informatividade, focalização, inferência, relevância, fatores pragmáticos, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves. *Tradução retextualização: a tradução numa perspectiva textual*. São Paulo: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2003, p. 11.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 12.



da Bíblia. Por isso, é preciso ressaltar aqui, em primeiro lugar, que as nossas traduções são suficientes para fazer-nos compreender a vontade de Deus, de maneira que o conhecimento das línguas originais não é imprescindível. Podemos descortinar todas as dimensões do plano divino de salvação simplesmente através da leitura da Bíblia em nosso idioma, desde que possuamos uma boa tradução. Todas as suas grandes verdades estão lá expostas de modo acessível a todos os que a lêem com coração aberto e suplicando com humildade a iluminação do Espírito Santo. Isto, sim, é imprescindível a todo leitor da Bíblia que queira compreender e obedecer a vontade de Deus. Então, por que aprender hebraico clássico, aramaico clássico e grego koiné, já que contamos com excelentes traduções?

Respondemos a esta pergunta afirmando que a tradução, por mais excelente que seja, representando, digamos, quase que cem por cento de intertextualidade com o texto original, às vezes não tem condições de refletir plenamente *todos os aspectos intralingüísticos* do texto original. Na tradução há, por exemplo, *a perda de certos aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos ou estilísticos*. O texto que nos propomos a examinar ilustrará o que queremos demonstrar ao leitor.

### 3. HERMENÊUTICA E EXEGESE

A esta altura, creio ser útil definir dois conceitos vitais pertencentes ao âmbito da interpretação bíblica, a saber, *hermenêutica* e *exegese*. De maneira simples, conforme a perspectiva reformada, a *hermenêutica bíblica* é “a disciplina que, partindo de pressupostos básicos, estuda e sistematiza a teoria da interpretação das Escrituras”.<sup>5</sup> A *exegese* é o estudo do texto bíblico à luz dos princípios hermenêuticos, com o propósito de determinar com a maior precisão possível a intenção do escritor original. A verdadeira exegese deve valer-se, pelo menos, da leitura e interpretação dos textos em suas línguas originais, e isso exige do intérprete conhecimento das línguas originais da Bíblia para uma abordagem científica do texto,<sup>6</sup> como também conhecimento do transfundo

<sup>5</sup> ANGLADA, Paulo. *Introdução à hermenêutica reformada das Escrituras*. São Paulo: Knox Publicações, 2006, p. 22.

<sup>6</sup> Abordagem científica na perspectiva do método gramático-histórico e não do método histórico-crítico (MHC), salvo algumas ferramentas que este método forneceu, como a Crítica da Forma, que quase invariavelmente pode ser aplicada com proveito na análise do Antigo Testamento, desde que expurgada dos pressupostos céticos que deram origem à matriz disciplinar original do MHC. O objetivo principal do uso da *crítica da forma*, na versão redimida que pode ser usada por um intérprete de persuasão reformada, prende-se fundamentalmente ao aspecto da tessitura textual, da delimitação das perícopes e dos entrosamentos das orações e dos períodos na composição do texto. A definição do gênero literário também pode ser demonstrada através dessa ferramenta. As funções das perícopes dentro do texto sinalizam para a apreensão do *motif* do discurso, postulado pela análise do discurso como sua grande figura ou a mensagem transmitida por sua macroestrutura.

histórico da passagem que ele pretende interpretar, ou seja, do *background*, onde se procede à reconstrução do ambiente sócio-cultural em que o texto foi produzido, quando isto for possível.

Infelizmente, na maioria das vezes a exegese é considerada uma função do biblista perito, daquele que, quando completo, é, ao mesmo tempo, hebraísta, aramaísta e helenista, daquele cuja formação o armou do conhecimento do lingüista, do crítico de texto e do intérprete ou exegeta, de modo a estar sensível às diversas chamadas do texto. Essas chamadas é que determinarão a escolha das ferramentas apropriadas para a busca da intenção do autor.

Porém, visto que a Bíblia não foi escrita originalmente em português – o Antigo Testamento foi escrito em hebraico, com exceção dos trechos de Dn 2.4–7.28; Ed 4.8–6.18; 7.12-26 e Jr 10.11, que foram escritos em aramaico, e o Novo Testamento foi escrito em grego –, é de bom alvitre que todas as dúvidas que eventualmente surjam em alguma passagem, cuja compreensão correta dependa de interpretação, devam ser tiradas à luz do texto original, caso a tradução esteja deficiente ou ambígua, abrindo espaço para o surgimento de múltiplas e variegadas interpretações. É claro que este procedimento não resolverá todas as questões interpretativas, mas na maior parte dos casos ele é o ideal. A exegese não se comporta, na realidade, como uma ciência exata, pois dois intérpretes, mesmo utilizando a mesma metodologia exegetica, podem chegar a resultados diferentes. Dependendo dos pressupostos assumidos e dos julgamentos e escolhas feitos durante o processo interpretativo, pode haver variações as mais diversas em termos de resultado. Mesmo assim, o exegeta precisa sempre ter em mente que a intenção do autor é única, e a ele cumpre buscá-la em sua pesquisa.

Alguns textos apresentarão problemas interpretativos cuja solução poderá apoiar-se fortemente na teologia, onde a intenção do autor será buscada projetando-se esse texto particular sobre o ensino global da Escritura. Por exemplo, o *Descendit ad inferna* elege esta metodologia como sendo a mais apropriada. Outros textos, entretanto, como o que estamos considerando neste ensaio, Jeremias 1.11–12, dependerão mais de análise intralingüística. Assim, enquanto uns textos dependerão mais de um estudo da história das tradições da igreja, outros dependerão mais de análise intralingüística, como no exemplo que estamos considerando, e outros ainda dependerão muito mais de conhecimento histórico-formal (da reconstrução de seu *Sitz im Leben* – ambiente vital ou vivencial –, que visa buscar o “tipo de situação ou de experiência que deu origem a um gênero literário particular, ou que motivou sua utilização”<sup>7</sup>),

<sup>7</sup> MAINVILLE, Odette. *A Bíblia à luz da história – guia de exegese histórico-crítica*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 92.

como no caso de Daniel 8, cuja interpretação se encontra em seu próprio contexto imediato, ou melhor, no seu cotexto.<sup>8</sup>

#### 4. UMA PAUSA PARA CRÍTICA DA SITUAÇÃO ATUAL DA EXEGESE

O pior de tudo é que, a cada dia que passa, torna-se uma realidade crescente, no Brasil e ao redor do mundo evangélico, atribuir-se aos biblistas peritos a tarefa da interpretação valendo-se da exegese. Exegese séria, em muitos setores do evangelicalismo contemporâneo, tornou-se utopia e atividade pernóstica. O pluralismo do pós-modernismo explica muito do que ocorre em nossos dias. Porém, nossa realidade poderia ser outra se os seminários teológicos e as faculdades de teologia fornecessem um programa mais consistente de educação teológica, com vistas a disponibilizar ferramentas hermenêuticas e exegéticas a todo o povo de Deus, tendo como alvo principal a preparação dos líderes. Felizmente há institutos teológicos que levam a sério a questão da preparação dos vocacionados, sem afrouxar os padrões, apesar de toda a pressão exercida por estes tempos trabalhosos e pela febre do crescimento acelerado. Este não é um problema só do Brasil, como bem observou Moisés Silva, que mostrou existir a mesma tendência nos Estados Unidos. Ele ressaltou que a eliminação do estudo das línguas originais pode “levar inexoravelmente a um esvaziamento da piscina de eruditos potenciais, deixando a tarefa do estudo científico da Bíblia nas mãos daqueles que não têm apreço algum por sua autoridade”.<sup>9</sup>

#### 5. FAZENDO A EXEGESE DE JR 1.11–12

Voltemos ao texto de Jr 1.11-12 na versão Almeida Revista e Corrigida (RC): <sup>11</sup> “Ainda veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: *Que é que vês, Jeremias?* E eu disse: Vejo *uma vara de amendoeira*. <sup>12</sup> E disse-me o Senhor: Viste bem; porque eu velo sobre a minha palavra para a cumprir”.

Nesta tradução, as palavras grifadas em itálico estão ausentes do texto original em hebraico, sendo fornecidas em português por efeito de adaptações sintáticas, semânticas e estilísticas, estas duas últimas estando atreladas à

<sup>8</sup> Segundo Adriano Duarte Rodrigues, “a noção de *cotexto* foi proposta por Bar Hillel para dar conta da intervenção das unidades verbais que fixam a significação das outras formas linguísticas presentes num mesmo texto. O cotexto é, portanto, um dos principais processos de solução das eventuais ambigüidades ou da heterogeneidade de sentido dos enunciados. Distingue-se da noção de contexto, utilizada para designar as instâncias enunciativas e os elementos extralingüísticos relevantes para a compreensão de um texto ou de um discurso. Uma das funções mais importantes do cotexto é a criação de efeitos da intra e da intertextualidade, assegurando a produção de isotopias textuais e, deste modo, conferindo a um texto a unidade de sentido indispensável à constituição da obra literária como um todo”. <http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/C/cotexto.htm>

<sup>9</sup> SILVA, Moisés. The Biblical languages in theological education. Apêndice em *Foundations of contemporary interpretation*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1996, p. 277–79.

formação e ao estilo pessoal do tradutor. O recurso da adaptação lingüística aparece nessa tradução apenas destacando-se as palavras ausentes no texto original pelo uso do *itálico*. Esse detalhe talvez jamais chamará a atenção do leitor que não possui conhecimento da língua original. Por outro lado, quanto aos que já perceberam isso, pode ser que nunca lhes foi dada uma resposta consistente e satisfatória, visto que tal resposta depende do conhecimento da *língua hebraica* e da *estrutura textual da tradução*. Este é um aspecto sintático que só pode ser observado por quem possui o texto original hebraico e conhece a sintaxe hebraica.

### 5.1 Primeira interpretação

A primeira interpretação desse texto pode derivar da leitura atenta do original hebraico. Apresentamos aqui o texto consonantal visando a apresentação de alguns aspectos morfológicos, semânticos e estilísticos importantes na construção do sentido do texto.

Analisando o texto original hebraico, percebemos que há a utilização intencional de um recurso estilístico chamado *paronomásia*, que consiste na utilização de dois parônimos (formas distintas quanto à significação, mas semelhantes na escrita e na pronúncia), **SEJ** (*shaqed*) e **SEJ** (*shoqed*), formalmente as mesmas no texto puramente consonantal (**SEA**), cuja percepção torna-se imprescindível para a *penetração plena* no nível semântico do texto. Os vocábulos portugueses “*amendoeira*” e “*velo*” (1ª pessoa do presente do indicativo do verbo *velar*) não mantêm entre si uma relação *paronímica*, como acontece com os seus correspondentes em hebraico. A explicação da visão da vara de amendoeira feita pelo Senhor, sem a *apreensão da paronomásia intencional do original*, deixará o leitor sem entender perfeitamente como se estabeleceu o vínculo semântico entre o *significante* (a visão) e o *significado* (a explicação).

Colocando a questão de um modo mais simples, poderíamos perguntar: Como uma *vara de amendoeira* pode significar *a certeza de que Deus está vigilante sobre a sua palavra para a cumprir*? Tal vínculo semântico deve-se ao fato de o vocábulo *amendoeira* (em hebraico **SEJ** – *shaqed*) e o verbo *velar* no particípio masculino singular *ativo* (em hebraico **SEJ** – *shoqed* = *eu velo*) derivarem da mesma raiz hebraica, do mesmo morfema lexical (**JRIJ** *shóresh*; **SEJ** – *shin, qof, dálet*), cujo significado é *velar, estar atento, estar alerta, manter-se vigilante, estar com os olhos abertos*. Assim, nesse caso, o *significante shaqed* tenciona remeter ao *significado shoqed*; ou seja, em hebraico, *amendoeira* remeteria à forma verbal *eu velo*, o referente (substantivo) carregando intrinsecamente a ação expressa pelo verbo. Esta é a chave para o estabelecimento do vínculo semântico entre *significante* e *significado*. A visão contém um vocábulo que se reveste de significação no parônimo localizado em sua explicação.

Destaquemos também o uso de participípios na passagem, *vtr* e *sej*. De acordo com Thomas Lambdin, “o participípio, tanto como atributivo quanto como predicativo, normalmente indica uma ação contínua, em progresso, e na tradução devemos procurar uma locução que exprima essa progressão”.<sup>10</sup> Deste modo, procurei dar essa conotação de continuidade de ação<sup>11</sup> em minha tradução-retextualização a fim de que o leitor possa sentir mais de perto o estilo de Jeremias em português. Visto que a maioria das versões deixa passar despercebida a questão da *Aktionsart*<sup>12</sup> precisa das formas verbais usadas por Jeremias, traduzo estas formas, respectivamente, por *estás vendo* e *estou velando*, permitindo ao leitor perceber como Yahweh e Jeremias dialogam na presente passagem. Poderíamos, neste caso, sugerir a seguinte tradução-retextualização, que se aproximaria mais da Vulgata e suas derivadas:

“II A palavra de Yahweh foi-me dirigida nos seguintes termos: “O que estás vendo, Jeremias?” Eu respondi: “Estou vendo uma vara **vigilante**”.<sup>13</sup> 12 Disse-me, então, Yahweh: “Está correta a tua visão, porque eu estou vigiando sobre a minha palavra para cumpri-la”.

Com tal recurso semântico-estilístico, essa *vara de amendoeira* aludida na visão mostrada ao profeta significa *a certeza de que Deus está vigilante sobre a sua palavra para cumpri-la*.



*significante* (amendoeira) → *significado* (estou velando, estou vigiando)  
(Deus está vigilante sobre sua palavra para cumpri-la)

### 5.1.1 Nível de intertextualidade

A maior parte dos estudiosos da Bíblia reconhece que o estudo comparativo de versões é muito proveitoso,<sup>14</sup> mas, certamente, quando se trata da interpretação de um texto *de difícil compreensão a partir das traduções*,

<sup>10</sup> LAMBDIN, Thomas, *Gramática do hebraico bíblico*. São Paulo: Paulus, 2003, § 26.

<sup>11</sup> WILLIAMS, Ronald J., *Williams' Hebrew syntax*. Revised and expanded by John C. Beckman. Toronto: University of Toronto Press, 2007, §§ 213–222.

<sup>12</sup> Qualidade precisa da ação expressa no tempo verbal.

<sup>13</sup> Literalmente, *amendoeira* (*sheqed* ou *shaqed*) no hebraico, indicando a árvore sempre *vigilante* a fim de ser a primeira a florescer, e tenciona remeter para o Deus *vigilante* (*shoqed*), que sempre está vigiando ou velando sobre o que falou, para cumpri-lo.

<sup>14</sup> FEE, Gordon. *New Testament exegesis: a handbook for students and pastors*. Louisville: Westminster/John Knox Press, 2002. Fee aconselha no mínimo o uso de sete versões diferentes, p. 12.

todos são unânimes em dizer que, nesse caso, o procedimento correto e seguro deve ser a análise exegética do texto. Não obstante isto ser verdade, devemos atentar para o fato de que as traduções que procuram ser menos literais e mais literárias nem sempre se prendem apenas ao nível *morfossemântico*, mas, dependendo do texto em consideração, elas privilegiam o nível que o próprio texto exige, seja ele *morfossemântico*, *morfossintático*, *fonológico*, *estilístico*, etc. Essas traduções mais literárias procuram permitir ao leitor o resgate de alguns aspectos do texto original que a tradução literal pode deixar intocados e, por outro lado, há traduções mais literais que revelam certos aspectos do texto que a tradução literária oculta. Quando o tradutor consegue perceber qual a exigência do texto e escolhe bem o estilo da tradução, ele consegue produzir uma tradução de retextualização, onde a intertextualidade pode se aproximar crescentemente dos cem por cento. Neste projeto de tradução como retextualização a preocupação maior do tradutor é que o texto traduzido se aproxime ao máximo do texto original em todos os aspectos, quando isso for possível.

No caso específico de Jr 1.11–12, por exemplo, há traduções cujo projeto de retextualização atingiu um maior nível de intertextualidade do que o da versão Revista e Corrigida, no tocante ao aspecto estilístico, embora fugindo do aspecto literal e criando através da paráfrase um recurso que visa à recuperação do aspecto formal do texto original.<sup>15</sup> Exemplo disso é o tratamento

<sup>15</sup> Às vezes o tradutor se vê nesta encruzilhada, tendo de optar pela literalidade ou pela literariedade, a fim de refletir certos aspectos do original que uma tradução literal deixaria passar em branco. Entretanto, em certos casos, torna-se impossível resgatar certos aspectos do original, como no caso dos salmos ou escritos acrósticos (e.g. Salmo 119), cujos aspectos formais são intraduzíveis para a grande maioria das línguas. Na Bíblia Hebraica, o Salmo 119, escrito através da utilização de um recurso estilístico chamado *acrossemia*, é um poema acróstico alfabético. Os títulos das estrofes são as letras do alfabeto hebraico. Nesse Salmo, os versos 1 a 8 começam com letra Álef (א), os versos 9 a 16 começam com a letra Bet (ב) e assim por diante. Além do Salmo 119, existem outros poemas no Antigo Testamento que estão na forma de acróstico alfabético. Por exemplo, Pv 31.10-31 e Lm caps. 1 a 4. Não é interessante observar que a inspiração divina não excluiu a arte? Entretanto, se não possuíssemos o mais elementar conhecimento da língua hebraica, que nesse caso se resumiria no conhecimento do alfabeto, bem como um exemplar da Bíblia Hebraica, não teríamos condições de perceber toda a beleza do aspecto estilístico desse salmo e de todos os outros poemas acrósticos com estrutura similar. Já no caso da passagem de Is 28.10, 13, onde a maioria das versões em português tenta algum tipo de tradução que deixa intocada a intenção do autor, apenas a Bíblia de Jerusalém usa um recurso de retextualização que efetivamente atinge, a meu ver, a intenção do autor, que é a sonoridade, transliterando em vez de traduzir o trecho que as outras traduções registram: “Porque é preceito sobre preceito, preceito e mais preceito; regra sobre regra, regra e mais regra; um pouco aqui, um pouco ali” (Is 28.10 RA). Na BJ encontramos (substituí a transliteração do *áyim* de ç por ts): “quando diz: *tsav latsav, tsav latsav; qav, laqav, qav laqav; ze’er sham, ze’er sham* (Is 28.10 BJ). O mesmo acontece no v. 13 (RA): “Assim, pois, a palavra do SENHOR lhes será preceito sobre preceito, preceito e mais preceito; regra sobre regra, regra e mais regra; um pouco aqui, um pouco ali; para que vão, e caiam para trás, e se quebrem, se enlacem, e sejam presos”. Na BJ temos o mesmo v.13 apenas refletindo a sonoridade do trecho necessário: “Diante disso a palavra de Iahveh para eles será: *tsav latsav, tsav latsav; qav, laqav, qav laqav; ze’er sham, ze’er sham*, a fim de que ao caminharem caiam para trás, e se despedacem, ao serem apanhados no laço e aprisionados”.

que a Vulgata Latina dá ao texto em questão (de Jerônimo de Dalmácia, no século IV d.C., texto em que o Antigo Testamento foi vertido diretamente do hebraico para o latim). A Vulgata traduz interpretativamente esta passagem, vertendo *vara de amendoeira* por *virgam vigilantem* (vara vigilante), para manter a intenção paronomástica do original hebraico, contrapondo *vigilantem* (adj. vigilante) com *vigilabo* (v. vigiarei):

11 et factum est verbum Domini ad me dicens quid tu vides Hieremia et dixi *virgam vigilantem* ego video 12 et dixit Dominus ad me bene vidisti quia *vigilabo* ego super verbo meo ut faciam illud.

Obviamente, a versão de Martinho Lutero para o alemão, feita a partir da Vulgata Latina, mantém a intenção paronomástica do original hebraico nesta passagem, contrapondo *erwachenden* (adj. vigilante) com *wachen* (v. vigiar):

11 Und es geschah des HERRN Wort zu mir und sprach: Jeremia, was siehst du? Ich sprach: Ich sehe einen *erwachenden* Zweig. 12 Und der HERR sprach zu mir: Du hast recht gesehen; denn ich will *wachen* über mein Wort, daß ich's tue.

Para finalizar a comparação entre versões, citaremos a versão da Vulgata para o português feita pelo padre Antônio Pereira de Figueiredo, pois, é claro, também mantém a intenção paronomástica na passagem de Jr 1.11-12:

11 E me foi inspirada a palavra do Senhor, a qual dizia: Que vês tu, Jeremias? Eu lhe respondi: Eu vejo uma vara vigilante. 12 E o Senhor me disse: Viste bem, porque eu vigiarei sobre a minha palavra para a cumprir.

## 5.2 Segunda interpretação

Uma segunda interpretação desta passagem pode derivar-se de nosso conhecimento do mundo. Apesar de ser uma interpretação menos óbvia do que a anterior, serve também para apreendermos a relação entre essa visão e sua explicação. Recorrendo a informações agrícolas acerca da terra de Israel, descobriremos que “a amendoeira começa a florescer e a expandir suas folhas em janeiro, quando as outras árvores ainda estão em seu *sono de inverno*, e assim, é a primeira entre todas as árvores a *despertar* para a nova vida”.<sup>16</sup> A partir da constatação dessa realidade agrícola de Israel, pode-se concluir o sentido de *velar*, relacionado à *vara de amendoeira*, pois a amendoeira seria a

<sup>16</sup> KEIL, C. F. *Commentary on the Old Testament – Jeremiah*. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1996, p. 28.

árvore que estaria acordada enquanto as demais estavam dormindo. Tal conclusão é semanticamente cabível; porém, a informação se torna mais difícil de ser recobrada, visto que depende desse conhecimento prévio do leitor. Entretanto, a paronomásia, que é a intenção primária do texto, sendo a chave para a apreensão imediata do vínculo semântico estabelecido entre o significante e o significado, seria completamente ignorada.

### 5.3 Terceira interpretação

Uma terceira interpretação, ainda que muito menos óbvia, pode basear-se no fato de que Deus estava suscitando o profeta Jeremias dentro de um ambiente contencioso semelhante àquele em que foi levantado o sacerdote Arão. Como a vara de amendoeira de Arão floresceu para provar que ele era o escolhido do Senhor para ocupar o ofício de sumo sacerdote, assim também Jeremias, que era da linhagem sacerdotal, estava sendo confirmado em seu ofício de profeta. A autenticidade de seu ministério profético era também a garantia de que ele pronunciaria palavras de inspiração divina e de que o Senhor estaria vigilante sobre elas para cumpri-las. Aqui também, como na interpretação anterior, fica intocada a intenção paronomástica do texto original, além de haver um apelo a elementos altamente arbitrários e de recorrer à analogia de um contexto histórico bem remoto.

Em síntese, o caso específico de Jr 1.11–12 permite-nos perceber que o conhecimento da língua original do texto, na maior parte das vezes, pode diminuir o nosso caminho na busca da intenção original do autor sagrado. Mais ainda, o conhecimento da língua original pode revelar nuances lexicais, sintáticas, semânticas ou estilísticas que a tradução às vezes tende a ocultar. Então, o melhor que o tradutor poderia fazer neste caso seria optar pela manutenção da paronomásia original, usando o artifício empregado pela Vulgata, ou manter a tradução literal e remeter o leitor para uma nota explicativa. Porém, nem sempre isto será possível, pois exigiria elevada dose de criação literária do tradutor e, quase sempre, um afastamento demasiado do texto original.

## 6. OUTROS CASOS DE PARONOMÁSIA

O recurso semântico-estilístico intencional da paronomásia também pode ser visto em:

### 6.1 Amós 8.1–2

.re ctkr vřvu vivh hst htrv vr 1

Assim o Senhor Yahweh me fez ver: e eis aqui um *cesto de frutos do verão*.

.re ctkr vřvu vivh hst htrv vr 2

E ele disse: Que vês, Amós? Eu respondi: *Um cesto de frutos do verão*.

כָּרַשְׁתִּיגְּכֶם ; וְעַתָּה אֵלֵךְ וְיָחִידֵיכֶם

Então Yahweh me disse: Tem chegado *o fim* para o meu povo Israel,

לֹא אֵלֵךְ שִׁלְךָ הֵלֵךְ תֵּכֵן

Eu não mais continuarei a passar por ele (a perdoá-lo).

Aqui, a paronomásia ocorre entre o cesto de frutos de *verão* (heb. . כָּרַשׁ – *qáyits*) e o *fim* (heb. . אֵלֵךְ – *qets*) determinado sobre Israel. Sempre, nesses casos, o *significante* (a visão) remeterá para seu *significado* (explicação).

### 6.2 Isaías 5.7

Outro exemplo é aquele em que ocorrem outros tipos de jogos de palavras no Antigo Testamento, nos quais são utilizadas palavras com certas semelhanças morfológicas, mas que não se derivam de uma raiz comum (divergência de morfemas lexicais). É o caso de Isaías 5.7. Eis o texto hebraico-português:

כִּי־רִשְׁתִּי הֵיאֵלֵךְ שִׁבְעַתְּמוֹת אֵלֵךְ 7

Porque a vinha de Yahweh dos Exércitos é a casa de Israel,

וְהָאֲנָשִׁים גִּבְעֵי־בְשֵׁם יְהוָה

e os homens de Judá são a planta diletta de Yahweh;

יְבִישׁוּן וְיִשְׁכַּח אֵלֵךְ

este esperou que exercessem *juízo* e eis aí *derramamento de sangue*;

וְעַתָּה אֵלֵךְ וְיָחִידֵיכֶם

*justiça*, e eis aí *clamor*.

Nas últimas cláusulas do versículo, encontramos os trocadilhos de *yבִישׁוּן* (*mishpat* – juízo) com *yבִישׁוּן* (*mishpach* – derramamento de sangue) e de *vesh* (*tsedaqah* – justiça) com *vesh* (*tse‘aqah* – clamor). Neste jogo de palavras, são usadas palavras semelhantes na pronúncia, mas que possuem significados contrários. Este é um recurso estilístico completamente velado na tradução para o português.

### 6.3 Jeremias 48.2

וְהַגְּלוּתִי מִבְּנוֹתֶיךָ וְהַגְּלוּתִי מִבְּנוֹתֶיךָ

: כִּי־אֵלֵךְ וְיָחִידֵיכֶם

“A glória de Moabe já não é; em *Hesbom* (*cheshbon*) tramaram (*chashbhu*) contra ela, dizendo: Vinde, e eliminemo-la para que não seja mais povo; também tu, ó Madmém, serás reduzida a silêncio; a espada te perseguirá.”

#### 6.4 *Isaías 27.12*

ܐܘܪܘܢܝܢ ܕܥܫܪܝܢ ܕܝܘܠܡܝܢ ܕܥܝܪܐ ܕܢܗܪ ܕܢܗܠ ܕܥܝܪܐ ܕܢܗܪ  
 :ܠܗܝܘܢ ܥܝܪܝܢ ܕܥܝܪܐ ܕܢܗܪ ܕܢܗܠ ܕܥܝܪܐ ܕܢܗܪ

“Naquele dia, em que Yahweh debulhará o seu cereal desde o *rio (nahar)* (Eufrates) até ao *ribeiro (nahal)* do Egito; e vós, ó filhos de Israel, sereis colhidos *um a um (leachad echad)*.”

#### 6.5 *Jeremias 10.11 (em aramaico)*

ܘܫܥܘܓ ܐܝܢܐ ܐܝܢܐ ܕܥܝܪܐ ܕܥܝܪܐ ܕܥܝܪܐ ܕܥܝܪܐ ܕܥܝܪܐ ܕܥܝܪܐ ܕܥܝܪܐ  
 fizeram não e-a-terra que-os-céus os deuses a-eles direis Assim

:ܘܫܥܘܓ ܐܝܢܐ ܐܝܢܐ ܕܥܝܪܐ ܕܥܝܪܐ ܕܥܝܪܐ ܕܥܝܪܐ ܕܥܝܪܐ ܕܥܝܪܐ  
 estes os-céus e-de-debaixo da-terra desaparecerão

“Assim lhes direis: Os deuses que não fizeram os céus e a terra desaparecerão da terra e de debaixo destes céus”.

Ao observarem a estreita relação entre os versículos 10 e 12 do texto em questão e por constatarem que o versículo 11 foi escrito em aramaico, alguns eruditos que se valem do método histórico-crítico, aceitando todos os seus pressupostos, afirmaram ser ele uma glosa escribal introduzida posteriormente no texto original. Dentre estes estão Houbigant, Venema, Dathe, Rosenmueller, Ewald e Graf.<sup>17</sup> Contudo, dois fatos principais depõem contra a pressuposição de uma inserção escribal posterior: 1) a língua em que o versículo foi escrito: *o aramaico imperial*;<sup>18</sup> e 2) o próprio conteúdo do versículo. Estes dois fatos desfavorecem a hipótese de glosa escribal, além de o versículo em apreço não ter o caráter de uma glosa, por permitir a percepção de um *contínuo semântico* na seqüência dos versículos 10, 11 e 12. Ou seja, uma glosa geralmente provoca uma descontinuidade no texto.

Cumpre-me apontar um detalhe interessante nesta única porção aramaica do texto do profeta Jeremias, que é o emprego de dois parônimos aramaicos. É digno de nota o emprego de duas formas verbais aramaicas que, na forma simples de raiz, diferem apenas nas consoantes iniciais, o ܐ (álef) e o ܓ (áyin). Estas consoantes possuíam articulação aproximada, com distinção praticamente inaudível, e faziam com que estas palavras tivessem aproximadamente a mesma pronúncia, mas possuindo significados diferentes. São elas SCT (*sumir*,

<sup>17</sup> KEIL, *Commentary on the Old Testament – Jeremiah*, p. 125.

<sup>18</sup> ARAÚJO, Reginaldo G. *Gramática do aramaico bíblico*. São Paulo: Targumim, 2005, p. 124, 244, 250.



na língua original e na tarefa de tradução como retextualização determinará a velocidade do desempenho e a precisão do procedimento metodológico exegético empregado.

### **ABSTRACT**

Despite all the effort made by translators, the translations of the Bible not always are able to reflect all of the intralinguistic features of the texts in their original languages. Many times the peculiarities of the phonetic, morphologic, syntactic, semantic, or stylistic realms stay latent in the original language, without being touched by the translators and reflected in the translation. When appropriately made, the translation unchains operations identical to those accomplished in the production of the original text, thus being correctly called a retextualization process or new production of the same text in the receiving language of the translation. However, not always the translator achieves a perfect level of intertextuality between the translated and the original text. This fact is due to the peculiarities of the original language and of the receiving language of the translation. Therefore, it is exactly at this point that the knowledge of the original languages is important for the task of interpretation, representing a better way for rescuing the intention of the original author. In this article, the author intends to demonstrate through a case study of Jeremiah 1.11-12 that the knowledge of the original language of the text can be the fastest way for the apprehension of the sense intended by the sacred author. He also wants to demonstrate that, in the great majority of the cases in which the calling of the text is intralinguistic, the lack of knowledge of the original language can hinder the exegesis and leave the readers far from the sense of the text, searching for less obvious interpretations.

### **KEYWORDS**

Translation; Translator; Retextualization; Interpretation; Hermeneutics; Exegesis; Original languages; Paronomasia; Untranslatability.